



Supereu: inquilino do eu

Super-ego: ego tenant

Maria Vilela Pinto Nakasu

Pós-Doutoranda em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), bolsista Fapesp, São Paulo, SP - Brasil, e-mail: marianakasu@hotmail.com

Resumo

O processo de elaboração das concepções metapsicológicas na obra de Freud não é linear, mas repleto de oscilações, idas e vindas, abandonos temporários, ambiguidades, contradições. Dentre os conceitos-chave da metapsicologia, o de supereu é certamente um conceito de difícil apreensão, complexo, pois são numerosas suas definições e extremamente amplo o seu alcance: da clínica para a metapsicologia, passando pela teoria da cultura, o supereu atua em todos os âmbitos da investigação psicanalítica, deixando entrever inúmeros mal-entendidos por parte de seus comentadores. Soma-se a isso o fato de Freud não ter sido um fiel historiador de seus conceitos. Este trabalho se propõe a desfazer algumas ambiguidades em relação ao processo de evolução da concepção de supereu a partir de um problema metapsicológico fundamental, a saber, a reformulação da noção de eu. Sustentaremos que as transformações na teoria do eu foram cruciais para a elaboração das bases conceituais do supereu em sua função legisladora. Veremos que o supereu inicia sua história como um discreto inquilino do eu para se tornar inquilino usurpador e tirânico, que ameaça a integridade euoica.

Palavras-chave: Freud. Metapsicologia. Supereu. Consciência moral. Eu.

Abstract

The process of metapsychologic concepts development in Freud's works is not linear; on the contrary, it oscillates, with comings and goings, temporary abandonments, ambiguities, contradictions. Within key metapsychology concepts, the concept of superego is certainly complex and troublesome, for not only it holds many definitions but its scope is also wide. From clinic to metapsychology, going across the theory of culture, the superego plays a role in all aspects of psychoanalytic investigation, misunderstandings appearing quite frequently, therefore, among those who comment it. In addition to it, Freud himself was no faithful historian of his own concepts. The present paper proposes to undo a few ambiguities in what concerns the evolution process of ego conception, beginning from a fundamental metapsychologic problem, which is the remake of the notion of ego. We support that changes in the ego theory were crucial to the elaboration of conceptual basis of super-ego in its legislative function. We will see that the super-ego begins its story as a discreet tenant to the ego to become tyrannical and usurper, threatening the ego integrity.

Keywords: *Freud. Metapsychology. Super-ego. Moral consciousness. Ego.*

O eu é o verdadeiro sítio do medo.
(FREUD, [1923] 1989k, p. 64).

Introdução

O esforço de Freud em elucidar a gênese e o funcionamento da consciência moral está presente desde os seus primeiros trabalhos, considerados pré-psicanalíticos. São estes os pré-nomes do superego entre 1892 a 1895: “consciência de culpa”, “consciência moral”, “autopunição”, “autocastigo” e “autocensura”. Represálias sacrificiais na histeria, autocastigo na neurose obsessiva, e delírio de observação na paranoia são os sinais da atuação da instância crítica já nos primórdios da psicanálise. Freud ([1893-95] 1989c) identifica, no caso de Anna Ó, a ação inconsciente do que ele denomina “eu rude”. Esse termo designa o aspecto opressor do eu para consigo

mesmo, que por sua vez espelha-se em uma representação ideal do eu.¹ No entanto, nesse momento da elaboração freudiana ainda não está claro onde o “eu rude” se localiza no território euico, a forma pela qual ele se constitui, nem tampouco os aspectos envolvidos na relação do eu com a outra parte sua. Sabemos apenas que a severidade do “eu rude” abate-se contra o eu, como se fosse uma força vinda do exterior que o agride e o pressiona; daí a impressão de sua estranheira, como se fosse um inquieto indesejado no eu, que se apropria do seu território.

Entre a publicação de *A interpretação dos sonhos* ([1900] 1989d) e o texto que introduz a segunda tópica, *O ego e o id* ([1923]1989k), um longo trabalho de teorização ocorreu para que as bases metapsicológicas do que Freud denominou “imperativo categórico” fossem elaboradas.² Esse trabalho parece ser tributário do desenlace de um problema metapsicológico fundamental: a reformulação da noção de eu. O processo de reformulação do eu foi acompanhado do esclarecimento de algumas questões a ele interligado: o drama edipiano e seu desenlace; o narcisismo, condição do eu como unidade; a identificação, que preenche o eu e o constitui, e a cisão do eu e particularidades da identificação e da introjeção, relevados pela clínica da paranoia e da melancolia. O desenlace dessas questões torna a concepção de eu um pouco mais precisa e avança importantes alicerces da teoria do supereu. O essencial, para nossos propósitos, consiste em esboçar o esqueleto do eu entre 1892 e 1923, identificando os aspectos centrais

¹ Freud ([1893-95] 1989c) intui que o eu é rude com outra parte sua somente e na medida em que ele tem como modelo um ideal. Ao menos é isso que dá a entender a passagem que reproduzimos a seguir do diagnóstico de uma jovem senhora que descrevia imagens visuais: “eu já sabia há algum tempo que estava lidando com alegorias. Ela respondeu, sem hesitar: “O sol é a perfeição, o ideal [...] A senhora está então se recriminando? Está insatisfeita consigo mesma? [...] Na verdade, estou” (FREUD, [1893, 1895] 1989c, p. 191).

² Apenas um comentário sobre a expressão freudiana – “imperativo categórico” – anunciada em *Totem e tabu* (1913) e tomada emprestada de Kant para caracterizar a consciência moral. “Com relação a este termo parece estar implícita a idéia de um dever que vale para todas as ações morais, que é imperativo e, portanto, não admite dúvidas [...] não admite hipóteses (“se... então”). Este dever, sem exceções e incondicionalmente, deve valer para todas as ações morais e se submeter à lei moral. O dever é um imperativo categórico. Ordena incondicionalmente. Não é uma motivação psicológica, mas a lei moral interior. Será justamente esta inflexibilidade e rigidez anunciada pela máxima moral que se refletirá na severidade supereuica” (NAKASU, 2007, p. 154).

de sua elaboração que refletiram diretamente na sistematização da gênese e do funcionamento do supereu. Nota-se, que mesmo no início da investigação freudiana o supereu aparece como um inquilino do eu, uma espécie de corpo estranho que o habita. Conforme a concepção de eu desenvolve-se o aspecto cruel da instância crítica começa a ser mais bem delineado. É nesse sentido que podemos afirmar que o supereu inicia sua história como um discreto inquilino do eu para se tornar inquilino usurpador e tirânico, que ameaça a integridade euica.

Sabemos que a bibliografia psicanalítica relacionada ao conceito de supereu é extensa. Isso se deve à importância do tema no interior da metapsicologia freudiana, à sua relevância no âmbito da clínica psicanalítica e igualmente do debate a respeito da lei e do seu suposto declínio na contemporaneidade. Dentre as obras que vão de encontro ao assunto deste trabalho encontramos *Superego*, de Cardoso (2002), que examina as bases metapsicológicas do supereu por meio da crítica que opõe supereu legislador a supereu pulsional. A mesma abordagem é sugerida por Donnet (1995) em *Surmoi I: le concept et la règle fondamentale*. No entanto, o primeiro trabalho enfatiza as relações do supereu em Freud com o supereu em Klein, e o segundo esboça teses extraídas da interpretação do clássico *O ego e o id* (1923). *Introduction à l'étude du surmoi*, de Athanassiou (1995), segue os passos de Donnet: centra-se sobre a introdução do conceito em 1923, mas prossegue com o exame da relação do supereu com os objetos e com os ideais. Finalmente, Albertín, autora de *As vozes do supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*; dentre as autoras latino-americanas talvez seja a que tenha redigido o trabalho mais representativo sobre o tema nos últimos anos, tanto em Freud como em Lacan. O estudo parte dos ruídos superegoicos na clínica inicial de Freud, passa pelo mito filogenético, pelo narcisismo, pela raiz edipiana e pulsional do supereu, e termina relacionando a instância crítica com a cultura, descrevendo suas formas de objetificação – Destino, Deus, etc. Acrescentaríamos apenas que a opção de examinar o supereu a partir da trajetória conceitual do eu não é usual entre os estudiosos do tema.

Tramas do eu número 1: eu objeto de amor, eu ideal

Ainda nos *Estudos sobre a histeria* ([1893, 1895] 1989c), as fronteiras do eu e da consciência não são evidentes. No entanto, é anunciada a possibilidade de as resistências do eu serem inconscientes, assim como partes suas também. No *Projeto* ([1895] 1989c), o eu é considerado um sistema de defesa contra a liberação de desprazer. É uma massa organizada de representações, com facilitações entre si, constantemente investida, formando uma espécie de campo imantado que pode atrair energia para si e desviar o curso desta, caso a energia opere livremente e culmine na liberação de desprazer. O eu está longe de ser considerado uma instância, ele é, por assim dizer, uma espécie de administrador de energia, responsável pela distribuição do fluxo energético pelo aparelho.

Com *A interpretação dos sonhos* ([1900] 1989c), o eu passa a ser pensado em função da nova topologia da mente, ainda como um agente de defesas. Suas funções passam a operar nos diferentes sistemas – pré-consciente-consciente e inconsciente –, mas é inegável o esforço de Freud em aproximá-lo do sistema pré-consciente. Com isso, ele parece deixar temporariamente de lado a hipótese inicial de que partes do eu, assim como suas resistências, podem ser inconscientes. O sistema pré-consciente-consciente torna-se responsável pelo recalçamento; e o sistema inconsciente é assimilado ao polo pulsional recalçado. Temos, de um lado, o eu e o sistema pré-consciente-consciente, instância crítica e recalçadora, e de outro, o sistema inconsciente, instância criticada, lugar do recalçado (FREUD, [1900] 1989d).

Introdução ao narcisismo ([1914] 1989f) distingue o narcisismo do autoerotismo, condição para a constituição do eu como imagem de si, e como objeto potencial de investimento libidinal. Tal distinção é sugerida no texto sobre as lembranças de Leonardo da Vinci (1911), mas é no caso Schreber que Freud ([1911] 1989e) a desenvolve, apoiando-se nas premissas de Leonardo. Além de garantir ao narcisismo um lugar no desenvolvimento regular do homem, *Sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente* ([1911] 1989e) reforça um dado essencial para uma compreensão mais apurada das funções do eu, qual seja, o eu como alvo de investimento libidinal. Em relação ao estágio na história evolutiva

da libido entre o autoerotismo e o amor de objeto, Freud ([1911] 1989e, p. 118) afirma, no historial clínico de Schreber:

designamo-no *Narzissismus* [...] Consiste em que o indivíduo empenhado no desenvolvimento e que sintetiza em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade auto-erótica, para ganhar um objeto de amor toma primeiro a si mesmo, a seu próprio corpo, antes de passar deste a uma eleição de objeto em uma pessoa alheia.

Se na paranoia há um desinvestimento radical dos objetos na realidade, sem a compensação na fantasia, Freud ([1911] 1989e) se pergunta onde foi parar a libido. A megalomania ou os delírios de grandeza lhe sugerem que a libido foi parar no eu. O efeito da retração da libido dos objetos para o eu aparece na superestimação dos desejos e atos psíquicos do megalomaniaco, “sua onipotência dos pensamentos”, a inflação de seu eu. Essa descoberta permite a Freud postular o conceito de narcisismo secundário, o investimento narcísico que retornaria ao eu por subtração dos investimentos objetais.³

Introdução ao narcisismo ([1914] 1989f) apresenta o narcisismo primário e o narcisismo secundário no âmbito da teoria da libido, assume o eu como o grande reservatório da libido e insiste na plasticidade potencial da energia libidinal. Freud pensa o eu como alvo de um originário investimento libidinal que depois é cedido aos objetos. O eu se relacionaria com os investimentos de objeto como o corpo de uma ameba se liga aos pseudópodes que dele avançam. O originário investimento no eu é reforçado pelo amor e ternura dos pais, que projetam no filho toda perfeição narcísica que eles tiveram que renunciar diante das frustrações e imposições da realidade. O eu infantil desfruta assim o amor pleno dos pais e é moldado por todos os sonhos e anseios irrealizados deles.

A célebre frase: “no ponto mais delicado do sistema narcísico [...] a imortalidade do Eu” (FREUD, [1914] 1989f, p. 37) revela que o

³ Em *A repressão* ([1915] 1989g), Freud admite que a reversão dos instintos contra a própria pessoa – a ideia de que o eu pode direcionar a libido para si – é anterior mesmo ao mecanismo repressivo. Ele diz: “[...] Tal modo de conceber a repressão seria complementado pela suposição de que, anteriormente a esse estágio da organização psíquica, cabe a outras vicissitudes dos instintos, como a transformação no contrário e a reversão contra a própria pessoa, tarefa da defesa frente a impulsos instintuais” (FREUD, [1915] 1989g, p. 85).

eu nunca mais abandonará a satisfação narcísica obtida na infância. Que solução Freud elabora para a perpetuação do amor a si que o eu real experimentou? Inventa o ideal do eu. A perfeição do sol que uma jovem senhora tratada por Freud enxergava e diante da qual se recriava em uma perpétua insatisfação consigo mesma não era outra coisa que uma metáfora desse ideal, agora portador de uma gênese e de um lugar especial no território euico. O narcisismo apareceria deslocado para esse novo eu ideal, que como o infantil se acharia de posse de toda a perfeição. Serão justamente as exigências da formação do ideal as grandes responsáveis pela repressão. A repressão se originaria, nesse sentido, do “autorrespeito do eu”: todo e qualquer impulso instintual que entra em conflito com as ideias morais-ideais seria reprimido pelo eu, que reconhece que o que é importante para o ideal é também importante para si. Com isso Freud opera uma primeira divisão no eu.

Os sintomas da paranoia retornam à cena para ilustrar outro participante na relação de obediência e respeito do eu diante de seu ideal. Não se trata mais, contudo, dos sintomas megalomaniacos, mas do delírio de ser notado dos paranoicos. A verdade descrita por esse delírio revela um poder que observa nossos propósitos, criticando-os. Assim, reaparece o “eu rude”, que castigava as pacientes histéricas e obsessivas de Freud no início de suas investigações clínicas. Tal poder existiria em todos os normais, mas nos paranoicos apareceria como uma hostil interferência de fora. A instância crítica operaria na terceira pessoa e revelaria que o eu, na verdade, é rebelde, e não obedece ao seu ideal por livre e espontânea vontade. Ele é coagido pela consciência moral, essa sim aliada do ideal, que velaria pelo asseguramento de sua satisfação narcísica e, para tanto, observaria de maneira contínua o eu comparando-o com o ideal.⁴ Clivada do eu, a consciência moral revela finalmente sua ligação com o ideal do eu e as ferramentas coercitivas voltadas à reedição das experiências de satisfação infantil.

⁴ Essa ideia reaparece com maior contundência na 31ª das Novas Conferências, *A dissecação da personalidade psíquica*: “o ego pode tomar a si próprio objeto, pode se tratar como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe lá Deus o que pode fazer consigo mesmo. Nisso uma parte do ego se coloca contra a parte restante. Assim o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas. Isto não é propriamente novidade” (FREUD, [1923] 1989k, p. 77).

O leitor de *Introdução ao narcisismo* ([1914] 1989f) tem a sensação de que tudo se passa como se o ideal fosse uma espécie de mestre do eu, que lhe ensina os parâmetros para ele se contentar consigo mesmo. O pano de fundo dessa discussão parece ser a segurança do eu, a respeito da qual Albertín (2003, p. 84) identifica uma ameaça na obscura e perigosa faceta da relação que o ideal-consciência-moral estabelece com o eu. Ouçamos o que diz a comentadora:

no entanto, eis a armadilha escondida ao englobar a *moção maligna* sob o nome de “Ideal do Eu”: o lodo do qual surge o Ideal, que estabelece os limites e outorga a medida para preservar o eu, coexiste com a *crítica* que é consubstancial a esses limites [...] (com a crítica também se mede a distância do eu com o ideal). Todavia, se de um lado preserva, do outro, quando se torna severamente crítico, abandona o papel de anjo da guarda para se converter em assoladoramente demoníaco, deixa de velar pela satisfação narcisista e se transforma em tenaz inimigo da segurança euóica. *Buraco negro* no narcisismo, onde se formaliza a temática da “divisão do sujeito contra si mesmo”, que atenta contra as identificações e o amável da circulação libidinal.

Mesmo preservando o eu e assegurando sua satisfação narcisista, a consciência moral nunca será seu anjo da guarda – como sugere Albertín – sem exercer uma contínua pressão sobre ele que não raramente o conduz a uma compulsiva busca pelos parâmetros ideais. Por isso Freud não vacila ao falar das “exigências ideais”, que evidenciaríamos justamente o desconfortável lugar do eu diante do mínimo olhar crítico da consciência moral. Evidentemente, quanto mais crítica a consciência moral é mais severa com eu ela se mostrará. Os casos graves de melancolia põem em evidência seu “pior” lado, aquele torturador e assassino que pode conduzir o sujeito à morte. No entanto, mesmo podendo revelar seu “melhor” lado e assegurar uma dose mínima de satisfação narcisista ao eu, a consciência moral nunca deixará de lhe causar mal-estar e culpa, já que este é o ônus pago pelo sujeito em regime de civilização, como sustentará Freud ([1923] 1989k) em *O mal-estar na cultura*. A consciência moral, aliás, nunca será benevolente com o eu, a não ser no efeito cômico dos chistes; nem mesmo nos episódios de mania, pois, nesses casos, ela está completamente suspensa, e, então, o eu se vê livre para festejar sem medo e sem culpa.

A teorização dos destinos da libido, objetual e euoica, sua distribuição e a elaboração da concepção de narcisismo são o primeiro passo no processo de reformulação da noção de eu. Esse se torna objeto potencial de fixação da libido, que deixa de ser dispersa para se organizar em uma imagem de si. O eu começa a ser pensado como uma entidade unificada, de permanência da libido, deixando de ser um lugar de passagem da energia. Ele parece ganhar um estatuto mais humano ao se oferecer como objeto de amor e ao mesmo tempo sofrer as consequências do ódio. Já que, como vimos, assim como o eu pode ser tomado como objeto de amor ele pode tomar a si próprio por objeto, maltratando-se. A emergência da noção de ideal do eu e um novo sentido para a função da consciência moral corroboram, deste modo, para o amadurecimento de uma teoria econômica dos investimentos do eu. Estão postos os ingredientes para a grande desmontagem das instâncias constituintes do eu – a consciência moral e o seu ideal. Freud aos poucos coloca em ordem a questão do conflito psíquico e dá mais um passo no sentido de explicitar as fronteiras internas ao eu, já há muito tempo identificadas na clínica e prefiguradas pela teoria.

Tramas do eu número 2: eu, síntese de identificações, progenitor do supereu

A referência do eu a um objeto, não enquanto imagem de si mesmo, como parece aludir à noção de narcisismo, mas enquanto exterioridade, relação com algo que está fora dele, advém com a elaboração da teoria da identificação, considerada capital na remodelação do eu. A análise da melancolia colocará em evidência a tese de que na situação de perda do objeto amado ao invés de a libido ser retirada do objeto e ser depositada sobre outro objeto, como ocorre no luto, ela se retira sobre o eu; serve para estabelecer uma identificação do eu com o objeto perdido (FREUD, [1918] 1989h). “Não vacilaríamos em incluir dentro da característica da melancolia a regressão do investimento de objeto até a fase oral da libido que pertence todavia ao narcisismo” (FREUD, [1918] 1989h, p. 186). O eu aparecerá como uma síntese ou uma fusão

de diferentes identificações dessa ordem, cujo modelo é incorporação oral ou canibalística. Tais identificações conservam resquícios de relações de objeto antigas; o eu buscará, no seu ideal, essas mesmas relações objetais, esses mesmos modelos.

Os acréscimos na concepção de eu preparam o terreno para o esclarecimento da gênese do futuro supereu. Na medida em que a identificação torna-se crucial na formação do eu temos a chave que parecia faltar para a compreensão do declínio do complexo de Édipo e, conseqüentemente, da origem parental dos ideais e a da tremenda hostilidade com que a consciência moral trata o eu. A culpa como efeito do ódio parricida anunciada no início da investigação clínica de Freud, evidenciada na interpretação de Hamlet e teorizada no mito filogenético ganha, aqui, novos contornos.⁵ A agressividade e o aspecto punitivo da consciência moral, mesmo sabendo que ela é uma função do ideal de eu e, portanto, tem relações com o narcisismo, terá sua origem na parcela de ódio presente no desenlace edipiano e impedida de ser exteriorizada. A identificação, em outros termos, auxilia Freud a responder às seguintes questões: de que forma o eu assimila e se enriquece com propriedades do objeto? Como o ideal do eu reflete a imagem dos pais?⁶ Qual a origem do ódio reencenado pelo supereu em relação ao eu?

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud ([1921] 1989j) incorpora, definitivamente, a autoridade ao eu. O texto tem o mérito de relacionar a identificação do objeto perdido na melancolia à identificação com o pai no complexo de Édipo. Pela primeira vez, a identificação é associada ao complexo de Édipo. “[...] Aprendemos que

⁵ O pano de fundo da equação proposta por Freud ([1892-99] 1989a) na interpretação de Hamlet é sem dúvida o drama edipiano, o ódio pelo pai e o amor proibido pela mãe. Hamlet é levado, como que por impulso, contra a sua vontade, a matar o tio, renunciando à morte do pai. A relação agressividade contra o pai *versus* culpa parece justificar a “covardia” de Hamlet: o personagem de Shakespeare é torturado pela culpa por desejar a morte do pai. O desejo parricida promove, assim, a punição de Hamlet, que é golpeado por desejar o parricídio. Nesse sentido, a trama é semelhante à de Dostoiévski, que também deseja a morte do pai e se pune violentamente por isso.

⁶ A identificação permitirá a Freud vincular o narcisismo e o ideal do eu à instância parental. A esse respeito, Ricoeur (1977, p. 176) diz algo importante: “é preciso que o narcisismo seja mediatizado pela autoridade, para que possa ao mesmo tempo ser deslocado e mantido sob a forma de ideal. A idealização remete, pois, à identificação”.

a identificação *precede* o complexo de Édipo tanto quanto lhe *sucede*” (RICOEUR, 1977, p. 176). Precede na medida em que ela aparece como a forma mais antiga de ligação afetiva com outra pessoa. O menino identifica-se com o pai, quer ser como ele, e vincula-se à mãe como objeto sexual; estamos na pré-história do Édipo, em que prevalece um vínculo amoroso. A identificação sucede o Édipo ao adquirir uma coloração hostil: o menino deseja eliminar o pai. Nesse estádio, a identificação é o resultado do complexo de Édipo e não mais sua origem. Quando o pai é visto como rival para a consumação dos desejos incestuosos, o acento da identificação, cujo paradigma é o da melancolia, é sobre a devoração e a aniquilação do objeto. Trata-se, mais uma vez, da morte simbólica, não da morte real do chefe da horda primitiva. Na opinião de Koltai (2010), aceitar que a mãe é proibida, que ela é tabu, obriga a criança a aceitar a frustração e transformar o pai em referência. Mas para que haja identificação com o pai a criança precisa matá-lo simbolicamente, pois é na morte do pai que reside sua esperança de vida. “É essa a história que Freud nos conta [...] no mito de *Totem e tabu*, que resume toda problemática da relação do pai com a lei” (KOLTAI, 2010, p. 30).

Se a evolução da teoria da libido e da noção de narcisismo torna o eu um polo de investimento objetal e de reservatório da libido, alavancando o surgimento do ideal e da função coercitiva da consciência moral, a teoria da identificação retira o eu de um registro solipsista, fornecendo-lhe subsídios para ele encarnar os atributos dos pais a partir do modelo oferecido pela melancolia. Nesse segundo momento da reformulação do eu, ele cinde-se em uma entidade ainda mais coercitiva que a anterior porque dotada de uma munição ainda mais perigosa, a saber, a parcela do ódio parricida vivida no curso do Édipo. A identificação presente no desenlace do conflito edipiano é a ponte que faltava para Freud colocar em evidência, em *O ego e o id* ([1923] 1989k), a função legisladora do supereu e vincular sua formação à incorporação da autoridade parental. Isso o permite, aliás, introduzir sua clássica definição do supereu como herdeiro do complexo de Édipo e, com isso, retirar definitivamente a consciência moral dos domínios do eu.

Tramas do eu número 3: o eu, o estatuto do inconsciente, o supereu

Até meados de 1914, época em que Freud começa a extrair importantes observações das patologias narcísicas e reunir elementos para remodelar sua noção de eu a partir do conceito de narcisismo, temos o seguinte da constelação euoica, portadora de várias instâncias e funções: ela está ligada à consciência, com o aparato motor, boa parte das funções do sistema pré-consciente são englobadas por ela, que passa a contemplar as novas instâncias. O eu é o agente principal dos mecanismos de defesa e recalçamento, e partes extensas dele são inconscientes. A transferência negativa e os sinais de uma resistência que impede a melhora dos pacientes reforçam em Freud a percepção de uma força inconsciente que age contrariamente à melhora clínica. Essa mesma força é identificada nas instâncias ideal e crítica, que produzem efeitos poderosos e ao mesmo tempo inconscientes, como as vozes condenatórias nos delírios de observação dos paranoicos.

Como o eu e suas instâncias particulares podem ter partes conscientes e inconscientes se topicamente ele está amarrado ao pré-consciente-consciente que, por sua vez, se opõe ao inconsciente? Tal foi a espinhosa pergunta que teria conduzido Freud a rever sua primeira teoria dos lugares psíquicos. “A tentativa de tornar coerente a concepção de ego resultou na dificuldade de manter as repartições da primeira tópica” (MONZANI, 1991, p. 246). Em certo sentido, os *Ensaio de metapsicologia* (1915) apresentam um quadro de uma teoria como que se debatendo com seus limites. “O inconsciente” (1915), por exemplo, é um texto “minado”, em que, nos termos de Monzani (1991) Freud força a barra para encaixar na linguagem da primeira tópica os problemas que investiga. Contudo, o texto aponta igualmente possíveis soluções para algumas questões de difícil desenlace, alavanca transformações na noção de eu que refletem diretamente no amadurecimento de aspectos do futuro supereu.

Vejamos: a consciência psíquica não é mais um lugar, ela “ [...] nada mais é do que um farol, uma lâmpada interna que acende e apaga de tempos em tempos iluminando os mais diferentes materiais [...]

Ela é, em certo sentido, atópica” (MONZANI, 1991, p. 270). Isso abre a possibilidade de as moções do eu serem estranhas à consciência sem incorrer em uma contradição teórica. Além disso, Freud (1915) supõe a existência de estruturas psíquicas do eu altamente organizadas e ao mesmo tempo inconscientes, o que enfraquece, por um lado, a hipótese que reduz o eu ao sistema pré-consciente-consciente e, por outro, a ideia de um sistema inconsciente que supõe um mesmo regime para todos os seus habitantes. Uma nova visão de conflito psíquico começa a ser delineada na época de redação dos ensaios metapsicológicos. Se o eu e suas instâncias constituintes – ideal e crítica – não mais se opõem ao inconsciente, já que partes suas são inconscientes, o critério ser consciente ou inconsciente torna-se insuficiente para explicar o conflito em toda sua extensão.

Chegamos finalmente em *O ego e o id* ([1923] 1989k), que retoma as teses deixadas em aberto pelos trabalhos sobre metapsicologia e introduz a segunda tópica baseada nas reformulações da primeira teoria das pulsões.⁷ A resposta à pergunta: “de onde se originam as resistências do eu?” será determinante a um rearranjo teórico que culminará, de um lado, em um abandono e, de outro, em uma retomada. Freud abandona definitivamente a equação que reduz o inconsciente ao recalcado e que confunde o eu com o sistema pré-consciente-consciente. Por outro lado, retoma a hipótese de que as resistências do eu são inconscientes e partes suas também, e conclui não ser possível derivar as neuroses de um conflito habitual entre o consciente e o inconsciente (FREUD, [1923] 1989k).

Além de desvencilhar a concepção de eu do supereu-ideal de eu, Freud concede um tratamento especial a algumas questões deixadas em aberto pelo longo processo de reformulação da noção de eu, enriquecendo-a e operando uma espécie de síntese. Enumeremo-las,

⁷ Athanassiou (1995) defende que a segunda tópica origina-se da necessidade de Freud em conceder um lugar à teoria da identificação. A nosso ver, o problema é de uma complexidade muito maior. E aqui concordamos novamente com Monzani (1989), para quem os problemas que conduziram Freud a formular sua nova tópica são relacionados à problemática do conteúdo do conflito, aos limites do que não é consciente em relação ao “sistema inconsciente”, ao problema da composição do inconsciente e da reformulação da noção de eu.

pois estas são as questões caras à formulação da concepção de supereu, com as quais concluímos este trabalho.

Primeira questão: não se fala mais em instância psíquica particular ou instância separada ou cindida do eu, mas em grau de diferenciação no eu que se chama supereu ou ideal do eu.

Segunda questão: é reafirmada a tese de que o eu é constituído por identificações. No entanto, agora o mecanismo evidenciado pela melancolia passa a fazer parte do funcionamento normal do eu, produzindo seu *caráter*. A parte do eu que incorporará os traços dos objetos parentais renunciados no declínio do Édipo e, razão do complexo de castração passa a se chamar, a partir de agora, supereu ou ideal do eu.⁸

Terceira questão: o narcisismo dos pais continua fazendo parte da gênese do ideal do eu, mas a ele são somadas as primeiras identificações da criança, já explicitadas em “Psicologia das massas [...]” ([1921] 1989j). *O ego e o id* ([1923] 1989k) reafirma o aspecto indefeso e dependente do eu, situando o supereu como o monumento recordatório dessa época de total desvalimento e fragilidade euoica.

Quarta questão: se antes a instância crítica obrigava o eu a ser como o pai, agora lhe dá também a ordem contrária: não seja como ele! O supereu não é simplesmente um resíduo das primeiras eleições de objeto do isso, mas é igualmente uma enérgica formação reativa frente a elas.

Quinta questão: Freud ([1923] 1989k) retoma a tese da aquisição filogenética do ideal do eu anunciada em *Totem e tabu*, que tinha desaparecido temporariamente dos seus textos.

Sexta questão: a hipótese de que partes do eu e do supereu são inconscientes é retomada e atribuída à ampla comunicação que o supereu estabelecerá com as moções pulsionais inconscientes. É complexa a relação entre supereu e inconsciente. Fazemos nossa a afirmação de Albertín (2006, p. 49) de que “[...] o supereu dá conta da versão intrusiva e não regulada – como corpo estranho e traumático – do inconsciente que obriga o sujeito”.

⁸ Em um belo trabalho, Donnet (1995) examina a problemática relação entre a gênese do supereu e a ameaça de castração.

Considerações finais

Este trabalho procurou explicitar as razões pelas quais a elaboração de algumas teses cruciais ao conceito de supereu pode ser considerada tributária das transformações na concepção de eu. O supereu emerge na obra freudiana como uma noção implícita e ordenadora. Implícita porque ganha corpo, pouco a pouco, dentro da constelação do eu. A feição que a instância crítica assumirá, mais tirânica ou menos tirânica, dependerá das identificações do eu, sobretudo do modo como o eu transitou pelo complexo de Édipo, amando e odiando os progenitores com maior ou menor intensidade. O supereu emerge como uma noção ordenadora porque condensa as funções ideal e proibitiva do eu, que dão origem à sua face legisladora, retirando tais funções do território euico, 'enxugando', de certa maneira, a teoria do eu. Podemos dizer que até a introdução propriamente dita do conceito de supereu ele vive no território euico apossando-se dele e lhe causando terríveis danos. O supereu, finalmente, assemelha-se a um inquilino desgraçado do eu. No obsessivo, ele produz um automartírio interminável. No melancólico, o supereu pode levar o eu à total desistência de si e à morte. Nas autolesões semidelibradas, na delinquência, nos açóites do destino, nos infortúnios malfadados e nos dirigentes totalitários o supereu também mostrará sua pior face junto ao eu.

Um pequeno esclarecimento se faz necessário: como nosso intuito foi o de abordar o supereu nas tramas do eu, deixamos de lado um ponto crucial da teoria psicanalítica e essencial para a definição do supereu tal como ele aparece em *O ego e o id* ([1923] 1989k). As questões que conduziram Freud à introdução da pulsão de morte e de Eros, se falarmos em termos de sua teoria econômica, e na introdução do id, em termos de sua teoria tópica, foram completamente negligenciadas por nós, conscientemente, pois sabíamos que não teríamos espaço suficiente para tratar, aqui, da raiz biológica do supereu.

Freud precisou esperar até 1923 para introduzir o supereu não apenas pela imaturidade da sua teoria da identificação, mas porque faltava o terceiro elemento da tríade, o id, que se baseou na formulação da pulsão de morte elaborada em *Além do princípio do prazer* ([1920] 1989i).

Foram as noções de id e de pulsão de morte que permitiram a Freud pensar o supereu em toda sua extensão; este trabalho de elaboração se estendeu até seus os últimos escritos. Os acréscimos feitos ao conceito após 1923, sobretudo em torno do sentimento de culpa e da sua relação com a cultura, são desdobramentos, por assim dizer, da natureza pulsional e mortífera da instância crítica. A pulsão de morte deu condições para Freud conceituar a relação sádica do supereu com o eu, a defusão pulsional inerente às primeiras identificações, os limites do método interpretativo, sem contar evidentemente com seu determinante papel na sua teoria da cultura. Enfim, por essas e por outras razões podemos considerar a *moção maligna* o substrato da coluna vertebral do esqueleto final do supereu na obra de Freud.

Referências

ALBERTÍN, M. G. **As vozes do supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na cultura**. São Paulo: Cultura Ed. Associados; Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

ALBERTÍN, M. **Imperativos do supereu: testemunhos clínicos**. São Paulo: Escuta, 2006.

ATHANASSIOU, C. **Introduction à l'Étude du Surmoi**. Lyon: Césura, 1995. (Collection Psychanalyse).

CARDOSO, M. R. **Superego**. São Paulo: Escuta, 2002.

FREUD, S. Fragmentos de la correspondência con Fliess Carta 71. In: FREUD, S. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989a. p. 3-5. (Obras completas, v. 1). Publicado originalmente em 1892, 1899.

FREUD, S. Proyecto de psicología. In: FREUD, S. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989b. p. 32-90. (Obras completas, v. 1). Publicado originalmente em 1895.

FREUD, S. **Estudio sobre la histeria**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Obras completas, v. 2). Publicado originalmente em 1893, 1895.

- FREUD, S. **La interpretación de los sueños Parte I**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989d. (Obras completas, v. 4). Publicado originalmente em 1900.
- FREUD, S. Sobre un caso de paranóia descrito autobiograficamente (Caso Schreber). In: FREUD, S. **Sobre un caso de paranóia descrito autobiograficamente (Caso Schreber), trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989e. p. 12-44. (Obras completas, v. 12). Publicado originalmente em 1911.
- FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989f. p. 7-33. (Obras completas, v. 12). Publicado originalmente em 1914.
- FREUD, S. A repressão. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989g. p. 55-70. (Obras completas, v. 12). Publicado originalmente em 1915.
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989h. p. 77-92. (Obras completas, v. 12). Publicado originalmente em 1918.
- FREUD, S. Mas allá de los principios de placer. In: FREUD, S. **Mas allá de los principios de placer, Psicología de las massas y análisis del yo y otras obras**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989i. p. 87-103. (Obras completas, v. 18). Publicado originalmente em 1920.
- FREUD, S. Psicología de las massas y análisis del yo. In: FREUD, S. **Mas allá de los principios de placer, Psicología de las massas y análisis del yo y otras obras**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. p. 123-154. (Obras completas, v. 18). Publicado originalmente em 1921.
- FREUD, S. El yo y el ello. In: FREUD, S. **El yo y el ello y otras obras**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989k. p. 1-133. (Obras completas, v. 19). Publicado originalmente em 1923.
- FREUD, S. El malestar en la cultura. In: FREUD, S. **El porvenir de una ilusión y malestar en la cultura y otras obras**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989l. p. 158-210. (Obras completas, v. 21). Publicado originalmente em 1929.

FREUD, S. 31^a Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis In: FREUD, S. **Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y outras obras**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989m. p. 75-84. (Obras completas, v. 22). Publicado originalmente em 1932.

DONNET, J. **Surmoi I: le concept freudien et la règle fondamentale**. Collection des monographies de la Revue Française de Psychanalyse. Paris: PUF, 1995.

KOLTAI, C. **Totem e tabu (Para ler Freud)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LEBOVICI, S. L. **Le ça, le moi, le surmoi: la personnalité et ses instances**. Paris: Tchou, 1992.

MONZANI, L. R. **Freud, o movimento de um pensamento**. Campinas: Unicamp, 1989.

NAKASU, M. V. P. **Sublimação, pulsão de morte, superego: o papel das teses freudiana sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas**. 2007. 273 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2007.

RICOEUR, P. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. Publicação original 1950.

SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

Recebido: 17/09/2010

Received: 09/17/2010

Aprovado: 02/02/2011

Approved: 02/02/2011